



JOÃO BATISTA SCALABRINI E SUA ATUAÇÃO JUNTO AOS MIGRANTES

Cláudio Ambrozio*

DADOS BIOGRÁFICOS

João Batista Scalabrini nasceu em Fino Mornasco, Província de Como-Itália, a 8 de julho de 1839. Com 18 anos de idade ingressou no seminário, e em 1863 foi ordenado sacerdote. Queria ir para as missões, mas o seu bispo o enviou como professor, e depois reitor do seminário. Em 1870 tornou-se pároco de São Bartolomeu, uma paróquia na periferia industrial de Como. Em 1876 foi sagrado bispo de Piacenza.

Com ele, Piacenza tornou-se, por 29 anos, um centro irradiador de muitas reformas e iniciativas. Entre suas diversas obras sociais estão: A fundação do Instituto Surdo-Mudas e a criação de um instituto para a assistência religiosa, social e sindical para trabalhadores sazonais do cultivo de arroz, na região norte da Itália.

O que tornou João Batista Scalabrini mais conhecido foi, no entanto, sua obra em favor dos migrantes. Ele fundou, em 1887, a Congregação dos Missionários de São Carlos-Scalabrinianos; em 1889, a Sociedade São Rafael, composta por leigos; e, em 1895, a Congregação das Irmãs Missionárias de São Carlos Borromeu-Scalabrinianas. Os três institutos tinham como finalidade específica o trabalho de promoção humana, espiritual e social dos emigrantes italianos.

Scalabrini visitou por duas vezes seus missionários e migrantes além-oceano: em 1901 esteve nos Estados Unidos e em 1904 no Brasil e na Argentina. Faleceu no dia 1º de junho de 1905 em Piacenza. Aos 9 de novembro de 1997, o papa João Paulo II o declarou bem-aventurado.

A DESCOBERTA DE UMA VOCAÇÃO

O próprio João Batista Scalabrini descreve um encontro acontecido na estação de Milão, encontro que marcou a vida do bispo, tornando-o "Apóstolo dos Migrantes".

"Em Milão, há vários anos, assisti a uma cena que me deixou na alma um sentimento de profunda tristeza.

Passando pela estação, vi o salão, os pór-ticos laterais e a praça vizinha tomados por trezentas ou quatrocentas pessoas mal vestidas, divididas em diversos grupos. Sobre suas faces bronzeadas pelo sol e sulcadas pelas rugas precoces que a penúria sói imprimir, transparecia a agitação dos sentimentos que invadiam seus corações naquele momento. Eram anciãos curvados pela idade e pelas fadigas; homens na flor da idade; senhoras que arrastavam os filhinhos atrás de si, ou os carregavam ao colo; meninos e meninas... todos irmanados por um só pensamento e guiados para uma única meta.

Eram emigrantes. Pertenciam às várias províncias da Alta Itália, e com trepidação esperavam o trem que os levaria para as praias do Mediterrâneo, donde zarpariam para as longínquas Américas, com a esperança de terem menos hostil a fortuna e menos ingrata a seus suores a terra.

Partiam, os pobrezinhos: uns, chamados pelos parentes que os haviam precedido no êxodo voluntário; e outros, sem saber bem para onde, levados pelo poderoso instinto que faz migrar as aves. Iam para a América, onde - tantas vezes o ouviram dizer, - havia trabalho bem remunerado para qualquer pessoa dotada de braços fortes e de boa vontade.

Com lágrimas, tinham-se despedido do torrão natal, que os ligava a si por numerosas e doces lembranças. Mas, sem remorso abandonavam a pátria, que apenas lhes era conhe-

cida sob duas formas odiosas: o recrutamento e a cobrança dos impostos. Pois, para o deserdado, a pátria é a terra que lhe garante o pão; e lá, bem longe, esperavam conseguí-lo menos parcimonioso e menos custoso.

Parti comovido. Uma onda de sentimentos tristes me invadia o coração. Quem sabe quantas desgraças e privações - pensava comigo mesmo, - tiveram que suportar para que se lhes afigurasse leve um passo tão doloroso! E quantas ilusões, quantos novos sofrimentos lhes reserva um futuro incerto! Quantos deles, na luta pela vida, sairiam vitoriosos?! Quantos não sucumbiriam no burburinho das cidades ou no silêncio das planícies desertas?! E para quantos, mesmo encontrando o pão do corpo, faltaria o pão da alma, não menos necessário do que o primeiro, e perderiam, numa vida totalmente materializada, a fé de seus pais?!

Desse dia em diante, surpreendi-me muitas vezes com o pensamento voltado para esses infelizes" (Scalabrini, 1979, p.43).

A ANÁLISE DA REALIDADE

Em junho de 1887, Scalabrini apresentou ao papa um projeto de ação em favor dos emigrantes italianos, e para ilustrar este projeto acrescentou umas páginas que de fato são uma análise ampla e detalhada da realidade. Ele começa fornecendo uns dados estatísticos:

"Das estatísticas publicadas pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio sobre a emigração italiana, transcrevo a tabela seguinte, cujos dados, por serem eloquentes, não precisam de comentários:

A partir deste mapa percebe-se que, enquanto a emigração temporânea ficou oscilando em torno dos 90.000, para de-crescer em 1886 a 83.000, a emigração

Ano	Emigração Permanente	Emigração Temporânea	Total
1876	19.756	89.015	108.771
1877	21.087	78.126	99.213
1878	18.535	77.733	96.268
1879	40.824	79.007	119.831
1880	37.934	81.967	119.901
1881	41.807	94.225	135.832
1882	65.748	95.814	162.562
1883	68.416	100.685	169.101
1884	58.049	88.968	147.017
1885	77.029	80.164	157.193
1886	84.352	83.053	167.377

propriamente dita, ao invés, ou seja, a de tempo indeterminado, veio crescendo de aproximadamente 20.000 - tal era seu número em 1878 - a mais ou menos 40.000 nos três anos seguintes - 1879, 1880 e 1881 - para subir gradualmente até 84.352 no ano passado.

Esse número excessivo de nossa emigração não é um fenômeno passageiro, nem uma onda que pode exaltar durante um dia todo um povo ou apenas um indivíduo, mas a expressão sincera de um estado permanente de coisas: confirmam-no as numerosas e contínuas partidas para a América, que os jornais registram diariamente” (Scalabrini, 1979, p.50).

A seguir, Scalabrini passa a analisar as causas da emigração. Ele conhece bem a atividade perversa dos agentes de emigração, e alerta a população, propondo-se “Mover uma guerra implacável - permitam-me a expressão - contra os comerciantes de carne humana, que não sentem vergonha de recorrer aos meios mais sórdidos a fim de satisfazer sua ganância” (Scalabrini, 1979, p.74); mas não assume a atitude superficial de vários contemporâneos que consideravam serem eles a causa da migração.

Scalabrini, já neste primeiro opúsculo sobre a migração, indicou que o problema está intimamente relacionado com a situação econômica e com as opções de política interna e exterior adotadas pelo governo italiano:

“As condições dos tempos e da vida social que mudaram; o desenvolvimento oriundo da navegação oceânica; as facilidades dos transportes; as necessidades que cresceram mais do que as riquezas; o desejo natural de melhorar a própria situação;

acenderam nos corações, e teremos precisamente as causas da emigração, causas que eu apenas me contento em numerar...” (Scalabrini, 1979, pp.51-52).

O PROJETO SCALABRINIANO

Quando, na segunda metade do século XIX, a emigração de italianos começou a se intensificar, acendeu-se também um debate no campo social e político sobre o sentido do êxodo. A pergunta que animava as discussões era basicamente a seguinte: “A emigração é um bem ou um mal?” Os proprietários de terras e alguns setores da direita patriótica achavam que a emigração era um mal, e propunham uma legislação restritiva. Os grupos de tendência liberal, no poder, achavam que a emigração era um bem, pois se constituía numa válvula de escape e segurança social.

Scalabrini não se deteve muito nesta reflexão. Limitou-se a dizer que a emigração pode ser boa, quando espontânea, mas se transforma num mal quando é forçada e abandonada a si mesma. Criticava, portanto, tanto aqueles que desejavam impedir, quanto aqueles que defendiam a idéia de abandoná-la a si mesma sem dar nenhuma orientação ou diretivas legais. Afirmava principalmente que, no momento, a emigração era um fato que não se podia negar, nem desconhecer. Vejamos o que disse em carta dirigida ao Cardeal Simeoni, datada de 16/2/1887: “Deve-se aceitar a emigração como uma dolorosa necessidade. Roubar ou emigrar, é o dilema terrível que mais de uma vez ouvi da boca dos pobres artesãos e colonos”.

O projeto de Scalabrini é bem comple-

to e marcado por uma visão de globalidade: Ele propõe, em primeiro lugar, que se modifiquem algumas situações na Itália, para que a emigração não seja uma dolorosa necessidade. Mas elabora também um projeto que prevê uma atuação coordenada junto às pessoas que de fato devem emigrar. Tal projeto prevê a colaboração entre religiosos e leigos, a presença no lugar de origem dos emigrantes, nos portos de embarque, nos navios, nos portos de desembarque, e nos lugares de assentamento. Sendo uma pessoa de fé ele vê o próprio projeto inserido num projeto mais amplo que é o projeto de Deus, como podemos observar lendo um trecho de uma conferência pronunciada em 1899 sobre a emigração dos operários italianos:

“Emigram as sementes nas asas dos ventos; emigram as plantas de um continente a outro, levadas pelas correntes marítimas; emigram os pássaros e os animais; e, mais do que todos, coletiva ou individualmente, emigra o próprio homem, sempre como instrumento da providência, que preside e dirige os destinos humanos, inclusive através de catástrofes, rumo à meta final, ou seja, o aperfeiçoamento do homem na terra, e a glória de Deus nos céus” (Scalabrini, 1979, p.192).

Sobre este trecho, que ocupa um lugar de destaque no pensamento Scalabriniano, é importante fazer algumas considerações:

a) Scalabrini não vê nenhuma dicotomia entre a tarefa espiritual de evangelização e a promoção da justiça no mundo das migrações, pois coloca sob o mesmo conceito de “meta final” o “aperfeiçoamento do homem na terra” e “a glória de Deus nos céus.”

b) As migrações, mesmo aquelas provocadas por situações de injustiça, quando acompanhadas corretamente, podem transformar-se em fator de progresso para a humanidade e para o próprio emigrante.

c) As migrações são um fenômeno permanente.

A REALIZAÇÃO DO PROJETO

Para operacionalizar seu projeto, Scalabrini começou a se perguntar sobre as necessidades concretas dos migrantes. Assim ele se expressa: “Sendo que os males da nossa emigração, além dos já

numerosos e inerentes a toda emigração, derivam do descaso em que é abandonada, e se resumem: na perda da fé, por falta de instrução religiosa; no esquecimento da nacionalidade, por falta de estímulos que a conservem viva; e na ruína econômica, pela facilidade com que cai nas malhas da especulação, - fundei duas sociedades que tivessem em mira diminuir e destruir, se fosse possível, tais males. Duas sociedades compostas, uma de sacerdotes e outra de leigos; duas religiosas e outra civil; duas sociedades que se auxiliassem e se completassem mutuamente. A primeira é uma congregação de missionários que buscam principalmente o bem-estar espiritual dos nossos emigrantes; a segunda, sobretudo o seu bem-estar material. A primeira alcança seu objetivo fundando igrejas, escolas, orfanatos e hospitais através de sacerdotes unidos mediante os votos religiosos de castidade, obediência e pobreza, prontos a voar para qualquer lugar onde são enviados; apóstolos, mestres, médicos e enfermeiros, de acordo com as necessidades. A segunda dissuade a emigração quando a percebe prejudicial e, quando nada mais pode fazer, vigia para que a atuação dos agentes não ultrapasse os limites da legalidade, e orienta e encaminha os emigrantes para um destino melhor” (Scalabrini, 1979, p.126).

Como podemos perceber, Scalabrini identifica três males: a) A perda da fé; b) Esquecimento da nacionalidade. Em escritos posteriores ele descreverá esta dimensão como a perda da identidade cultural; c) A ruína econômica, e este aspecto é relacionado com as situações de injustiça.

As duas sociedades fundadas por João Batista Scalabrini¹ têm como objetivo “diminuir e destruir, se fosse possível, tais males”. Dito de forma afirmativa, as sociedades fundadas se propõem a:

- Promover a fé do migrante;
- Desenvolver um trabalho de recuperação das raízes culturais, visando o fortalecimento da identidade do migrante;
- Lutar pela justiça no mundo das migrações.

Durante o ano de 1887, Scalabrini reuniu, treinou e enviou os primeiros grupos de missionários para que acompanhassem os emigrantes italianos nas Américas.

Aqui cabe a pergunta: por que motivo João Batista Scalabrini fundou seus insti-

tutos para os emigrantes italianos? A resposta mais simples é a seguinte: Ele era um bispo italiano e começou a sua tarefa acompanhando aquele grupo que ele mais conhecia. Existe, porém, outro motivo. Em seu escrito: “A emigração italiana na América”, ele analisa o que fizeram em favor dos emigrantes nações como a Inglaterra, França, Alemanha, Portugal e Grécia. E conclui alegando: “O que se fez na Itália?” E sua resposta é:

“Das estatísticas várias vezes citadas, dos relatórios privados e dos fatos publicados de vez em quando pelos jornais, certifico-me de que os nossos compatriotas no exterior são os menos amparados, vítimas frequentes de explorações infames, sendo ainda os que, em suas necessidades, ou na busca de seus direitos, menos se preocupam em recorrer às autoridades consulares. Coisas estas que podem provir muito bem do espírito de independência do italiano, ou do fato de não estar habituado a considerar o Governo de seu país um tutor natural eficiente” (Scalabrini, 1979, p.60).

Veremos neste mesmo artigo como, posteriormente, em suas viagens pelo Brasil, Scalabrini encontrará migrantes ainda menos amparados, e procurará encontrar uma solução para eles. Isto está demonstrando que o verdadeiro critério para a escolha preferencial de um grupo de migrantes é o fato de este grupo ser o mais desprotegido.

A CONTINUIDADE DA OBRA SCALABRINIANA

Durante a breve passagem por Curitiba-Paraná, em 1904, Scalabrini teve a oportunidade de entrar em contato com outro aspecto das migrações. O próprio governador do estado, Dr. Vicente Machado da Silva Lima, convidou o bispo a fazer alguma coisa pela vastíssima paróquia de Tibagi, onde viviam 20 mil pessoas, entre italianos, índios e brasileiros. Scalabrini foi visitar a região e Carlo Spallazzi assim descreve a experiência inédita do bispo:

“Pôde visitar apenas alguns povoados, apesar de ser seu desejo penetrar mais profundamente no território. Nesta ocasião recebeu do cacique, como presente, duas galhetas de metal, destinadas ao uso sagrado, que haviam pertencido aos missionários jesuítas, expulsos da região pelo

governo português. Por sua vez o Servo de Deus ofereceu as ampolas ao Santo Padre Pio X. A visita do bispo à tribo trouxe muita alegria aos índios. O cacique pediu ao prelado que intercedesse junto ao papa no sentido de lhes enviar um missionário” (Rizzardo, 1974, p.299).

Em carta endereçada ao papa Pio X, no final de agosto de 1904, Scalabrini dava suas primeiras impressões:

“Estes selvagens são os descendentes daqueles que os padres jesuítas converteram; abandonados em seguida e recebidos com canhões, fugiram para as matas”.

A seguir tomou a peito o pedido dos índios e enviou-lhes um missionário, o padre Marco Simoni.

Este episódio é muito significativo, pois nos mostra que Scalabrini percebeu imediatamente o drama migratório destes índios que foram obrigados a “fugir” ameaçados pelos canhões. Ele, que fundara uma congregação para acompanhar os emigrantes italianos, por acreditar que fossem os mais desamparados, encontrou-se com um grupo de “migrantes internos” no Brasil, em situação ainda mais triste, e não exitou em providenciar uma rápida resposta, apesar do escasso número de missionários de que dispunha.

Padre Marco Simoni começou com muito entusiasmo sua missão, como podemos perceber pelas cartas que escreve relatando suas atividades:

“Entrei numa mata para ver como e onde viviam os índios, e creio que encontrei cerca de dois mil espalhados em pequenos grupos, mas todos mansos, e alguns falando um pouco de português. Conversei com os chefes de seis tribos. Acolheram-me bem e estão desejosos de aprender, a fim de melhorar sua mísera condição. A fim de começar a catequese, pensei em construir uma casa no meio deles, iniciando uma grande plantação, a fim de fazê-los trabalhar. Pensei em chamar as nossas irmãs para dar aulas às crianças de ambos os sexos. Quanto aos velhos, é necessário tolerar os seus costumes”.

No dia 26 de fevereiro de 1905, o mesmo sacerdote escreve a Scalabrini:

“Transmito-lhe algumas notícias sobre Tibagi e os nossos índios, pobres, abandonados e subnutridos. A missão já começou. Estive num povoado indígena. Os índios são

todos mansos e dóceis. Demorei-me entre eles três dias, celebrando-lhes diariamente a santa missa. Todos se faziam presentes... Disse até algumas palavras na língua deles, e parece que as entenderam... Não é raro deparar, mesmo entre o clero, com quem afirme que esta gente precisa ser catequizada com o fuzil. De minha parte pedi às autoridades uma grande extensão de terra exclusivamente à disposição dos índios para lhes ensinar a trabalhar.”

Nesta primeira experiência é interessante notar o esboço de tentativas de inserção e inculturação, bem como a iniciativa de assumir as causas dos indígenas. É significativo perceber também a preocupação do missionário pelas três prioridades indicadas pelo fundador da Congregação: a promoção da fé, o cuidado pelos aspectos culturais, e a luta pela justiça.

Nos dias de hoje as migrações continuam sendo um fenômeno social da maior relevância, e este fato confirma a intuição de Scalabrini que defendia a idéia de que a mobilidade humana era um fenômeno permanente. Porém, elas passaram por profundas transformações. Basta lembrar o fato de nações que eram, a exemplo da Itália, expulsoras de mão-de-obra, e que se transformaram em países de imigração. Outro fator importante de transformação foi o surgimento de leis visando definir e delimitar o fenômeno da mobilidade humana, antes considerada normal. Atualmente, numerosas nações consideram a imigração um problema e adotam uma legislação restritiva, fazendo com que aumente consideravelmente o número dos migrantes clandestinos.

A congregação scalabriniana, nascida com a finalidade de acompanhar os migrantes italianos nas condições em que a migração acontecia no século XIX, viu-se obrigada a um processo de revisão e atualização de sua fisionomia e de suas obras. A esse respeito assim se expressa a Regra de Vida dos Missionários de São Carlos:

“No dia 28 de novembro de 1887, com a aprovação do papa Leão XIII, Scalabrini fundou a nossa Congregação com o objetivo de promover principalmente a assistência dos italianos emigrados, mormente para as Américas. Pensou assim nos italianos emigrados, unidos a ele, não só pelos vínculos da fé, mas também pelos da pá-

tria, ainda mais por figurarem entre os mais pobres, os mais isolados e abandonados, os menos protegidos. Tal pobreza material e espiritual foi decisiva na visão que ele teve dos migrantes, na maior parte dos casos vítimas fáceis de especulações desumanas, num isolamento que, muitas vezes, é a morte do corpo e da alma. Com a ajuda de seus missionários e de leigos de boa vontade, idealizou para eles um plano de ação que correspondesse às suas exigências e os conduzisse, através de suas vicissitudes de migrantes, embora causadas por injustiças e desequilíbrios demográficos e marcadas por sofrimentos e opressões, a contribuírem para a solidariedade de todos os homens, o progresso social e principalmente para a difusão da fé e da unificação da família humana. Esta visão global levou-o a interessar-se por todos os migrantes, mesmo de outras nacionalidades. Nossa Congregação, durante decênios trabalhando nas duas Américas, e contribuiu eficazmente para a evolução positiva do fenômeno migratório. Solicitada, depois, por prementes exigências pastorais, consciente de corresponder ao espírito do Fundador, começou a trabalhar em migrações de diferentes nacionalidades, em migrações internas, como também entre a gente de mar”.

Atualmente a obra scalabriniana está presente em aproximadamente 30 nações, desenvolvendo sua atividade entre migrantes das mais variadas nacionalidades, com diferentes maneiras de ação. Vamos destacar algumas das modalidades da presença scalabriniana:

a) Os Centros de Estudos. Em sintonia com a intuição do fundador continuam a tarefa de estudo e análise do fenômeno migratório e os problemas conexos. Mantêm bibliotecas e centros de documentação; publicam livros e revistas; organizam simpósios de estudo e debate.

b) Colaboração com organismos da igreja e da sociedade civil que se esforçam para eliminar situações de injustiça e criar melhores condições de vida para os migrantes.

c) Trabalho direto junto aos migrantes nos lugares de origem, nos pontos de trânsito e nas regiões de chegada. Trabalhos significativos são realizados nas fronteiras onde o fluxo migratório é mais intenso. Há presenças entre refugiados, clandestinos,

“desplazados”, migrantes sazonais, moradores de periferias urbanas, desbravadores das novas fronteiras agrícolas, marítimos nos vários portos dos mundo. A congregação continua também acompanhando os migrantes das correntes históricas.

d) Obras sociais em favor dos migrantes órfãos, doentes, idosos e sem teto.

CONCLUSÃO

Antes do surgimento da obra de Scalabrini, o fenômeno migratório era considerado relevante, sim, mas marginal e transitório. A iniciativa de João Batista Scalabrini e de seus seguidores, além de colaborar para o bem-estar dos migrantes, ajudou a perceber que a migração é também uma chave de leitura para analisar a realidade como um todo, e uma porta de entrada que leva a uma transformação da sociedade.

Por esse motivo as atividades sociais e missionárias em favor das migrações vão sendo consideradas como de fundamental importância no mundo de hoje, e a figura de João Batista Scalabrini recomeça a ser vista com muito interesse por estudiosos das mais diferentes tendências.

* Cláudio Ambrozio é padre carlista e mestre em sociologia.

NOTA

1- Trata-se da Congregação dos Missionários de São Carlos e da obra São Rafael. Poucos anos depois ele fundará também a Congregação das irmãs missionárias de São Carlos Borromeu.

BIBLIOGRAFIA

- AA Vários
(1968) "La Società Italiana di Fronte alle Prime Migrazioni di Massa". *Studi Emigrazione*, nº speciale, Roma, Centro Studi Emigrazione Roma.
- AA Vários
(1989) *Scalabrini tra Vecchio e Nuovo Mondo*. Roma, Centro Studi Emigrazione Roma.
- Arquivo Geral da Congregação Scalabriniana em Roma - Itália.
- AZZI, Rioldo
(1987) *A Igreja e os Migrantes*. São Paulo, Ed. Paulinas.
- Congregação dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos)
(1992) *Regra de Vida*. Porto Alegre, Ed. Pallotti.
- FRANCESCONI, Mario
(1985) *Giovanni Battista Scalabrini*. Roma, Città Nuova Editrice.
- RIZZARDO, Redovino
(1974) *João Batista Scalabrini*. Petrópolis, Vozes.
- SCALABRINI, João Batista
(1979) *A Emigração Italiana na América*. Tradução, notas e introduções de Redovino Rizzardo. Porto Alegre, Centro de Pastoral Migratória.